

DOMINGO DE RAMOS

24 DE MARÇO DE 2024

ZACARIAS 9.9-12

1. Introdução

O Domingo de Ramos é também designado Domingo da Paixão. Esse dia dá início ao período em que a igreja relembra a semana que culminou com a morte de Jesus seguida de sua ressurreição “ao terceiro dia,” exatamente como o Senhor havia anunciado aos discípulos (Mc 8.31). Conforme os Evangelhos, enquanto Jesus entrava em Jerusalém montado sobre um jumento, as multidões o aclamavam Rei e alguns estendiam “ramos que haviam cortado dos campos” (Mc 11.8). Esse evento é chamado de entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, que resultou em sua própria morte na cruz.

Os textos bíblicos desse domingo, portanto, abrangem passagens que permitem à igreja lembrar (e reviver) esses eventos fundamentais da história da salvação. Por haver essas duas ênfases nesse dia—a entrada triunfal e o sofrimento e morte de Cristo— a Série Trienal B (do presente ano) oferece diferentes opções de textos para as leituras do Salmo (118.19-29 ou 31.9-16) e do Evangelho (Mc 14.1-15.47 ou 15.1-47 [ou Mc 11.1-11] ou Jo 12.20-43). O presente estudo trabalha com os textos de Marcos apenas como sugestão de leituras do Evangelho. Tanto a leitura de Marcos 11 quanto a dos cap. 14 e 15 podem ser feitas. A primeira delas seria no começo do culto, durante o preceSSIONAL de entrada. A segunda seria durante a leitura do Evangelho, propriamente na liturgia do culto. As leituras do Antigo Testamento e da Epístola realizam com bastante clareza a função litúrgica de apontar para o Messias que viria e para o Salvador que já veio e realizou a sua obra por nós, respectivamente.

2. Os Textos no Ano Eclesiástico

Zacarias 9.9-13 é um texto profético de conteúdo messiânico e, junto aos demais textos do domingo, representa perfeitamente o evento que marca o dia no ano eclesiástico. O texto expressa o exato anúncio de um rei humilde que viria montado sobre um jumento, algo que se cumpre com a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Mc 11.1-11). Antes de estudar essa profecia em mais detalhes, é importante observar a relação entre os demais textos do dia.

O Salmo 118.19-29 tem uma clara relação com o cumprimento da profecia feita por Zacarias. No versículo 25 se lê as palavras “Salva-nos, Senhor.” O verbo aqui traduz o termo הוֹשִׁיעָה, do qual a palavra *hosana* procede, repetida pela multidão quando Jesus entrava na cidade montado sobre o jumento (Mc 11.9, 10). Além disso, no versículo 26 do Salmo 118 é dito o seguinte: “Bendito o que vem em nome do Senhor.” Essas palavras de louvor também aparecem em Mc 11.10 na boca da multidão que saudava Jesus. Tais palavras são complementadas por “Hosana nas maiores alturas” ao final do versículo seguinte.

Uma pequena digressão aqui pode ser útil à reflexão do pastor no preparo do culto como um todo. Conforme o leitor deve se lembrar, o canto do *Sanctus* nas ordens do Culto Principal I e II do Hinário Luterano, dentro da liturgia da Santa Ceia, inclui esse canto de louvor do Salmo 118, o qual é repetido na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. A significância disso é o fato que a maneira (ou forma) de preparar o povo de Deus para a Santa Ceia por meio da liturgia reflete parte do conteúdo dela, enquanto o *hosana* remete o povo de Deus à narrativa que marca a entrada de Jesus em Jerusalém para ser sacrificado em nosso lugar. O mesmo corpo sacrificado na cruz e ressuscitado ao terceiro dia, agora é entregue na Ceia junto ao sangue derramado para serem comido e bebido para comunhão, paz, perdão, vida e salvação.

Voltando ao ponto, há uma clara relação entre Zacarias, o Salmo 118 e Marcos 11, o que é importante aos que optarem por utilizar a narrativa da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Caso o pregador opte pelo texto da narrativa da

paixão (Mc 14.1-15.47), o mesmo Salmo também traz pontos de conexão para esse fim. Isso se percebe pelo fato que os autores dos Evangelhos e Pedro citam o Salmo 118.22 ao se referirem tanto à rejeição que Jesus sofreu quanto à importância dele e de sua obra por nós (Mc 12.10; Lc 20.17; At 4.11; 1Pe 2.7).

A segunda opção de leitura do Salmo contém relação com o sofrimento e morte de Cristo de forma ainda mais clara. O Salmo 31.9-16 reflete o sofrimento do rei Davi e a verdade de que o povo de Deus pode apelar à compaixão do Senhor (v.9) e confiar nele (v.14). Como algo mais significativo à Semana Santa, é possível traçar um paralelo entre o Salmo 31 e o sofrimento de Cristo. Davi escreve que havia sido objeto de deboche e espanto entre as pessoas (v.11). E contra ele havia uma conspiração para tirar sua vida (v.13). Se sabe que Davi viveu isso em parte pela perseguição que sofrera de Saul. Ainda assim, é significativa a relação entre o sofrimento de Davi e o do seu descendente, o Messias. O texto da narrativa da paixão como opção de leitura para o domingo (Mc 14.1-15.47) fala da conspiração para tirar a vida de Jesus (Mc 14.1,2), junto ao desprezo, humilhação e deboche que ele sofreu (Mc 15.16-20). Essa relação entre o Salmo 31 e o sofrimento de Cristo pode ser feita a partir das palavras finais de Jesus, citando o Salmo 31.5: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito!” (conforme Lucas registra o evento citando as exatas palavras desse Salmo conforme a LXX). É fundamental, no entanto, que se faça distinções entre o sofrimento de cada um deles. Davi pôde afirmar que seus dias estavam nas mãos de Deus (v.15). Jesus, por outro lado, clamou e questionou o porquê do desamparo ou abandono da parte do Pai (Mt 27.46). Davi sofreu em parte devido à própria iniquidade (v.10). Jesus, por outro lado, sofreu por causa dos pecados dos outros, pelas “nossas transgressões” e “nossas iniquidades” (conforme o texto da Sexta-feira Santa nos lembrará em seguida - Isaías 53). Ao explorar esses pontos por meio de comparação e contraste, o pregador poderá ajudar os ouvintes a ver o sofrimento do povo de Deus à luz da cruz de Cristo. Isso ajuda também a conduzi-los a refletir sobre sua situação e sofrimento à luz de Cristo na cruz.

Já a carta de Paulo aos Filipenses pode ser relacionada tanto à entrada de Jesus em Jerusalém quanto à sua paixão. O texto fala sobre o fato de que Jesus, o Messias, se encarnou e se humilhou por nós. As palavras mais significativas ao contexto do domingo são as seguintes: “ele se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fp 2.8). Essas palavras descrevem o que começa a acontecer quando Jesus entra em Jerusalém montado num jumento para sofrer pelo ser humano pecador ao ser pregado na cruz. A encarnação é o “esvaziar-se” da forma de Deus para assumir “forma de servo.” A humilhação é o renunciar de todo o poder para sofrer por nós, o que o ser humano pecador merecia. Filipenses 2, portanto, explica teologicamente a história que o Evangelho nos conta no Domingo da Paixão.

Essa explicação teológica que conecta os textos e os situa no Domingo de Ramos ou da Paixão, no entanto, não deve servir para desconectar Filipenses 2 do seu próprio contexto. Paulo está orientando a igreja a ter o mesmo pensamento de Cristo, que se tornou servo e se entregou por nós. A orientação de Paulo ligada à cruz de Cristo tem uma significância homilética que merece atenção, conforme será apontado ao final.

Quanto às opções de leitura do Evangelho, Marcos 11.1-11 é o texto em que é narrado o cumprimento da profecia de Zacarias sobre o rei humilde que viria. Marcos 14.1-15.47 (ou 15.1-17) é a parte da história que narra o sofrimento de Cristo, que começa com o plano para tirar a vida de Jesus e vai até o seu sepultamento.

3. O Texto de Zacarias 9.9-12

Para entender o significado do texto e perceber sua significância neotestamentária e homilética, é importante lembrar o contexto histórico e literário de Zacarias 9.9-12. O profeta Zacarias escreve no início do livro que a Palavra do Senhor lhe veio durante o reinado de Dario (Zc 1.1), rei persa que governou entre os anos 522 a.C. e 486 a.C. O trabalho de Zacarias como profeta aconteceu já em meio ao povo que retornara do exílio babilônico em 538 a.C.

(Esdras 1.5; 2.67). Quando Zacarias começou a profetizar, o povo que havia retornado havia aparentemente perdido o interesse em concluir a reconstrução do templo em Jerusalém, destruído em 587 a.C. pelos babilônios. Após um curto período de trabalho de reconstrução em 538, as pessoas que haviam regressado da Babilônia logo voltaram sua atenção à reconstrução de suas casas e do sistema de agricultura ao redor de Jerusalém, deixando o templo de lado (Raymond F. Surburg, *Introduction to the Intertestamental Period*, Saint Louis: CPH, 1975, cap. 1). Coube, portanto, a profetas como Zacarias e Ageu, por volta do ano 520 a.C., chamar o povo à responsabilidade para com a reconstrução do templo, que foi concluído por volta de 515 a.C. É importante destacar que há um chamado à ação para que o povo trabalhe na reconstrução do templo na mensagem de Zacarias (6.15). Ao mesmo tempo, não se pode esquecer que a sua reconstrução resultou do amor do Senhor (1.14), que decidiu voltar-se “para Jerusalém em misericórdia, e nela será reconstruído o meu templo” (1.16). Esse chamado de Zacarias diante da indiferença à reconstrução do templo é também um convite à confiança no Senhor, que agiria para restaurar o seu povo (Surburg, *Introduction to the Intertestamental Period*, cap. 1). Nessa reconstrução e restauração, Zacarias profetiza sobre a vinda de um rei montado sobre um jumento – que traz a verdadeira e plena restauração de Israel. O povo que ouviu tal profecia necessitava de esperança ou, seria melhor dizer, de promessas às quais poderia se apegar em confiança. O capítulo 9, portanto, oferece tal esperança que pode ser melhor entendida também pelo seu contexto literário.

Ainda no capítulo 1, quando anuncia a reconstrução do seu templo, o Senhor fala de sua ira contra as nações devido à maldade delas que se agravara (1.15) e do consolo que o Senhor proferiria ao seu povo: “o Senhor voltará a consolar Sião e voltará a escolher Jerusalém” (1.17). Nos capítulos que seguem, esses dois pontos – julgamento das nações junto ao domínio do reinado de Deus sobre elas e o consolo do seu povo – continuam recebendo atenção.

O contexto imediato da passagem em estudo anuncia a futura restauração de Israel (cap. 8), o julgamento e domínio de Deus sobre as nações e a promessa

do Senhor habitando em meio ao seu povo para protegê-lo e livrá-lo da opressão de inimigos (9.8). De que forma isso se daria? Os versículos seguintes, que configuram a leitura do AT do dia, respondem a essa pergunta.

No versículo 9 se lê o seguinte: “Eis que o seu rei vem até você, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta.” Essas palavras casam perfeitamente no seu contexto porque revelam que a maneira de Deus intervir na vida do seu povo para restaurá-lo e protegê-lo das nações inimigas é por meio desse rei. Chama a atenção, no entanto, o fato de esse rei vir sobre um animal de carga, e não sobre um cavalo preparado para a batalha. Embora Salomão tivesse montado a mula que pertencera a Davi na ocasião de sua unção e entronamento (1Rs 1.32-48), o costume mudou mais tarde, e reis passaram a montar cavalos e carruagens reais ao entrarem em cidades (Jr 17.25). Animais de carga eram usados por reis e suas famílias (2Sm 2), provavelmente em períodos de paz (Reed Lessing, *Zachariah*, Saint Louis: CPH, 2021, p.362). Mas quando se buscava transmitir a ideia de poder e autoridade, cavalos eram preferidos. Isso é perceptível no livro de Zacarias pelo uso da imagem de cavalos em alguns momentos (1.8; 6.2). Mesmo assim, o rei que viria para libertar e proteger o seu povo e exercer domínio sobre as nações viria montado sobre um simples jumento. Por que dessa forma? O versículo seguinte ajuda a entender.

No versículo 10 o Senhor promete que destruiria “carros de guerra”, “cavalos” e armas ou “arcos de guerra.” Aqui se vê a que o jumento do rei humilde é colocado em contra distinção no texto; o rei não viria num cavalo ou carruagem de guerra pronto para uma batalha, apesar de que essa seria a maneira mais lógica e natural de proteger Jerusalém, punir os inimigos e exercer domínio sobre as nações. O rei que viria montado num jumento não vem para lutar com armas humanas. É relevante mencionar que o texto não diz que ele destruiria as armas dos inimigos do seu povo para conseguir exercer domínio, mas ele destruiria “os carros de guerra de Efraim e os cavalos de Jerusalém.” Esse ponto dá indicações de que o reinado messiânico, do descendente de Davi, não seria exercido pelo poder da espada (como de fato fica claro nos Evangelhos). Tampouco deveria o

povo governado por esse rei buscar exercer domínio por meio da força ou de manipulação política (como fizera anteriormente). Pelo contrário, a promessa continua dizendo que o rei humilde traria paz às nações e que seu domínio iria até os “confins da terra.” De que forma isso se daria? Como seria esse domínio, já que ele destruiria as armas de defesa de seu próprio povo? Mateus 28 narra o momento em que o Rei Jesus, após vencer o diabo, o pecado e a morte ao morrer e ressuscitar, envia seus embaixadores para fazer discípulos de todas as nações. Assim, o reinado do messias e suas bênçãos chegariam às nações por meio do Batismo e da Palavra (Mt 28.19-20).

Nos versículos seguintes, o Senhor novamente se dirige ao seu povo, e agora se percebe os benefícios da vinda do rei. Segundo o texto, os cativos são resgatados “da cova em que não havia água” (v.11) e tudo seria restituído ao povo “em dobro” (v.12). O que seria essa cova? Covas ou cisternas sem água eram usadas para aprisionar escravos. No livro de Gênesis, José viveu isso ao ser colocado em uma cisterna vazia, “sem água”, antes de ser vendido como escravo pelos irmãos (Gn 37.24). Aqui em Zacarias, essa “cova em que não havia água” é provavelmente uma referência ao cativeiro babilônico, do qual uma boa parte do povo já havia retornado. Mas também deve ser considerado que a situação do povo em si, dividido e espalhado, cercado por povos inimigos, sem o templo e nem o culto do templo, estava sendo representada pela imagem da cova. Era uma situação da qual o povo não conseguiria sair sozinho, como se estivessem em uma prisão (H.C. Leupold, *Exposition of Zechariah*, Grand Rapids: Baker, 1971, p.189). Naquela época covas usadas para retenção de prisioneiros ou escravos, eram cavadas em forma de garrafa, sendo estreitas na entrada e largas ao fundo. Dessa maneira, uma fuga sem ajuda externa era impossível, pois ninguém conseguiria escalar as paredes da cova e sair sozinho (Idem. Ibid.). Para sair dessa situação, era necessário que alguém do lado de fora, por cima, estendesse a mão e cordas para tirar o prisioneiro dali. Outra possibilidade seria alguém descer ao fundo da cova junto ao prisioneiro para impulsioná-lo para fora. Em ambos os casos, a situação não representa a necessidade de mera ajuda da parte do

prisioneiro. Preso nesse tipo de cova, o que é necessário é um resgate provindo de quem está fora da cova. Isso é verdadeiro quanto à situação do povo de Deus na ocasião, tanto se a imagem da cova sem água é vista como o cativo babilônico quanto se a imagem representa a situação do povo que já retornara de Jerusalém. Era preciso a intervenção de alguém mais forte do que o povo, de “fora da cova.” É isso o que Deus prometeu fazer por meio do rei que viria.

Essa ênfase na ação de Deus para o benefício do seu povo se vê também nas palavras finais do versículo 12, quando o senhor menciona a restituição “em dobro.” Essa linguagem se assemelha a Isaías 40.1,2, onde a orientação de Deus para consolar o seu povo é seguida do anúncio do perdão. Apesar de os pecados do povo terem trazido consequências, o Senhor perdoa de tal forma que graça e bênçãos são muito maiores quando comparadas ao sofrimento que o povo enfrentara por seus pecados. Olhando para esses dois aspectos juntos, se sabe que Israel chegou ao fundo do poço por sua própria culpa. Mas a saída dessa situação não teria como causa a sua própria capacidade.

Para se perceber como tudo isso se relaciona ao rei humilde que viria, é importante notar a causa de o povo receber tal livramento, proteção e bênçãos da parte de Deus. Ao dirigir-se ao seu povo para falar daquilo que faria, o Senhor diz: “Quanto a você, Sião, por causa do sangue da minha aliança com você...” (v.11). Essas palavras remetem os ouvintes e leitores dessa mensagem ao texto de Êxodo 24.8, que fala sobre “o sangue da aliança que o Senhor fez com vocês,” após Moisés aspergir parte do sangue provindo de sacrifícios de animais oferecidos ao Senhor sobre o povo (Êx 24.1-7). Esses pontos são importantes porque o texto do Domingo da Paixão inclui a leitura das palavras de Jesus durante a instituição da Santa Ceia. A tradução da LXX de Zacarias 9.11 é bastante similar à maneira como as palavras de Jesus Cristo são registradas na ocasião da instituição (Mt 26.28; Mc 14.24; Lc 22.20; 1Co 11.25), quando Jesus fala no sangue da “nova aliança” (Lessing, *Zachariah*, p. 336). Ou seja, embora partes da profecia anunciada por Zacarias em seu livro seriam cumpridas com a liderança de Zerobabel e Josué (o sacerdote) como aqueles que de fato inaugurariam o templo

reconstruído em 515 a.C., Zacarias 9.9-12 é claramente uma profecia messiânica. Essa profecia se cumpriu com a entrada de Jesus em Jerusalém, quando muitos judeus espalhados estavam naquele dia reunidos na cidade para a festa da Páscoa e o saudaram como rei. Essa profecia também aponta para o derramamento do sangue desse rei na cruz, sangue esse que estabeleceu uma nova aliança e iniciou o seu reinado messiânico. A partir desse reinado, não apenas Israel, mas todas as nações são abençoadas pelos meios do rei exercer o seu domínio “até os confins da terra.”

4. Reflexão Homilética

A ênfase do dia é o propósito da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém – o derramamento do seu sangue que estabelece uma nova aliança e que traz domínio e bênçãos sobre todas as nações. Os detalhes apontados acima da profecia em Zacarias 9.9-12, conectados à narrativa do sofrimento de Cristo, auxiliam o pregador a tornar claros pelo menos dois pontos. O primeiro é a maneira como o messias resgatou o seu povo (e a humanidade) “da cova em que não havia água.” O segundo é esclarecer quais tipos de bênçãos o rei humilde nos traz e como ele exerce o seu domínio.

Uma maneira possível de pregar com essa ênfase seria explorando a maneira como o próprio Deus se refere à situação do seu povo ao usar a imagem da cova sem água (v.11). Em português temos a expressão “Fulano chegou ao fundo do poço,” e ela pode ser útil. Para isso é preciso destacar que Zacarias fala de um “fundo do poço” do qual não é possível sair sozinho. É a típica situação em que um resgate, e não apenas uma ajuda, é necessário. A maneira como o pecado do povo de Israel os levou a essa situação pode ser evocada para pregar a lei ao povo de Deus hoje. Mas é óbvio que essa não deveria ser a ênfase principal do sermão.

A ênfase do sermão, a partir da imagem do poço ou cova, precisa estar no resgate realizado pelo messias, que assumiu o nosso lugar para nos resgatar. Para

isso é preciso falar do “sangue da aliança” (Zc 9.11) conectando-o ao sangue da “nova aliança.” Dessa forma, a pregação do evangelho recebe sua devida ênfase.

O segundo ponto mencionado acima diz respeito às bênçãos que o rei humilde traz e à forma como ele exerce o seu domínio. Aqui se torna importante mencionar que muitos esperavam por um messias terreno, cujas bênçãos também seriam terrenas, e seu domínio seria exercido como a de um governante desse mundo. Para evidenciar esses pontos, breves menções ao fato de que discípulos entravam em conflito por se preocuparem sobre quem seria o mais importante ou para saber quem mereceria lugar de mais honra ao lado de Jesus quando seu reino fosse estabelecido são suficientes. É importante lembrar aqui que, na narrativa da paixão em João, Jesus disse o seguinte: “O meu reino não é deste mundo” (Jo 18.36). Também pode ser significativo mencionar que, numa das leituras do período de Quaresma, Pedro tira Jesus para o lado e tenta silenciá-lo quando Jesus fala de seu sofrimento, morte e ressurreição. Pedro não queria nem ouvir falar de sofrimento como parte da missão do messias. Mas Jesus respondeu àquela reprovação de Pedro com “Sai da minha frente, Satanás” (Mc 8.33), o que nos leva a concluir que o negar da cruz é obra do diabo, mesmo quando essa negação se dá pela boca de pregadores. Tendo esse contexto como pano de fundo, pregadores (da cruz) podem enfatizar o contraste dessa expectativa sobre o messias com o rei humilde, justo e salvador. Zacarias 9.9-12 deixa claro que a maneira de o rei libertar o seu povo e exercer domínio sobre as nações não seria por meio da espada nem por articulação política. Pelo contrário, o rei humilde viria para destruir as armas do seu próprio povo. E para que se cumprisse a profecia, o rei Jesus entrou em Jerusalém não com armas e um cavalo preparado para a batalha, mas sobre um simples animal de carga. Ele se dirigiu não rumo ao seu entronamento ou coroação, mas rumo à cruz, e recebeu uma coroa de espinhos. Agora, por deixar a cova vazia ao vencer a morte, ele exerce domínio pela Palavra e Batismo, que fazem discípulos de todas as nações.

Essas verdades que falam ao ser humano de forma geral também são particularmente relevantes à realidade brasileira. Como o leitor deve saber, o

cristianismo brasileiro é fortemente influenciado por manifestações contemporâneas da teologia da glória nas quais há pouco ou nenhum lugar para sofrimento e a cruz na vida do cristão. Conseqüentemente, ser cristão é desvinculado do carregar da cruz e associado a uma “vida digna de filhos do rei” – uma vida de bênçãos e sucesso terrenos. Ou seja, no cristianismo brasileiro há um certo triunfalismo. E isso leva muitos a se esquecerem de como o “rei humilde” exerce o seu domínio, de como ele protege o seu povo de seus inimigos e das bênçãos que o sangue da nova aliança nos dá. Nesse cenário, também a orientação de Paulo fundamentada na cruz para que a igreja tenha “o mesmo modo de pensar de Cristo” (Fp 2.5-11) ganha relevância homilética.

Por tudo isso, é de grande importância dar destaque ao propósito da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e à maneira como Zacarias descreve o rei humilde, justo e salvador nesse texto do Domingo de Ramos.

Professor Samuel R. Fuhrmann

Adis Abeba, Etiópia